

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NUMA PERSPECTIVA DE INTERDISCIPLINARIDADE: LITERATURA E GEOGRAFIA

GEOGRAPHICAL EDUCATION IN AN INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE: LITERATURE AND GEOGRAPHY

LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA EN UNA PERSPECTIVA DE INTERDISCIPLINARIDAD: LITERATURA Y GEOGRAFÍA

<https://doi.org/10.26895/geosaberes.v11i0.888>

MARISTELA MARIA DE MORAES ^{1*}
HELENA COPETTI CALLAI ²

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Rua do Comércio, 3000, Bairro Universitário, CEP: 98700-000, Ijuí (RS), Brasil, Tel: (+55 55) 3332.0200, marimmm1@hotmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-2414-145X>

* Autora correspondente

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Rua do Comércio, 3000, Bairro Universitário, CEP: 98700-000, Ijuí (RS), Brasil, Tel: (+ 55 55) 3332.0200, copetti.callai@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0001-8043-659X>

Histórico do Artigo:
Recebido em 19 de Dezembro de 2019.
Aceito em 12 de Maio de 2020.
Publicado em 12 de Maio de 2020.

RESUMO

Este texto tem como objetivo discutir questões que envolvem as práticas de sala de aula em uma perspectiva interdisciplinar. Para isso, trabalhamos com a obra "O Continente I" de Erico Verissimo e os conceitos geográficos de espaço, território, lugar e identidade territorial de maneira a considerar que essa articulação entre Literatura e Geografia contribui na construção do conhecimento por parte do aluno e, portanto, na sua formação. No que se refere à Geografia, percebemos que essa prática contribui com a educação geográfica, uma vez que permite que os conceitos sejam trabalhados de forma não fragmentada. Para a Literatura, a contribuição se dá por meio da relação entre a ficção e o mundo da vida. Assim, compreendemos que ambas as disciplinas, trabalhadas conjuntamente, permitem ao aluno estabelecer relações, refletir sobre elas e compreender o mundo em que vive.

Palavras-chave: Educação escolar. Prática educacional. Interdisciplinaridade. Literatura e Geografia.

ABSTRACT

This paper aims to discuss issues that involve classroom practices in an interdisciplinary perspective. This part from the literary work "The Continent I" written by Erico Verissimo alongside geographical concepts of space, territory, place and territorial identity. It intends to consider the articulation between Literature and Geography as contribution to the construction of knowledge and to the formation of students. Regarding Geography, it is remarkable that this practice contributes to geographic education since it allows the concepts to be developed in a non-fragmented way. Regarding Literature, the contribution is through the relation between fiction and the world of life. Concluding, it is understood that both disciplines worked together allow the student to establish relationships, reflections and understandings about the world they live in.

Keywords: School education. Educational practice. Interdisciplinarity. Literature and Geography.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo discutir cuestiones que envuelven las prácticas en el aula, en una perspectiva interdisciplinar. Para eso, trabajamos con la obra “O Continente I” de Erico Verissimo y los conceptos geográficos de espacio, territorio, lugar e identidad territorial, de manera que al considerar esa articulación entre Literatura y Geografía contribuye en la construcción del conocimiento por parte del alumno y, por tanto, en su formación. En lo que se refiere a la Geografía, percibimos que esa práctica contribuye con la educación geográfica, siempre que permite que los conceptos sean trabajados de forma no fragmentada. Para la Literatura, la contribución se da por medio de la relación entre la ficción y el mundo de la vida. Así, comprendemos que ambas disciplinas, trabajadas conjuntamente, permiten al alumno establecer relaciones, reflexionar sobre ellas y comprender el mundo en que vive.

Palabras clave: Educación escolar. Práctica educacional. Interdisciplinaridad. Literatura y Geografía.

INTRODUÇÃO

Pensar a interdisciplinaridade no contexto da educação escolar remete a discutir o que queremos com a Geografia na escola básica. Além do que nós queiramos, há que se ter como parâmetros para a reflexão o momento atual que tem características marcantes dentro do processo de globalização, que ao mesmo tempo em que encurta distâncias, também exclui e fragmenta. Diante disso, torna-se cada vez mais urgente repensarmos caminhos que possibilitem um ensino contextualizado e ligado com o mundo da vida.

Consideramos que a ciência responde aos problemas da humanidade e aos questionamentos que a sociedade faz e, a educação escolarizada, por meio das disciplinas curriculares, pautada pelas ciências que lhe são referência, tem o compromisso de fazer com que os alunos tenham acesso à tradição. Quer dizer, que seja possível acessar os conhecimentos produzidos pela humanidade de modo a construir o seu conhecimento e produzir os entendimentos acerca da realidade do mundo em que vivem.

Isto posto, nos provocamos a pensar a Geografia para o Ensino Médio tendo claro que no contexto das políticas públicas atuais há proposições que lhe sustentam oficialmente. No entanto, vamos fazer breve referência a essa discussão, muito embora ela seja um tema que exige atenção e crítica no sentido do que são nossas crenças e o que está posto, formalmente, para esse nível de ensino. Interessa-nos pensar e articular proposições de itinerários para ensinar Geografia no Ensino Médio.

Diante disso, nos propomos a pensar a possibilidade da interdisciplinaridade como alternativa para desenvolver os conceitos da Geografia por meio do texto literário. Abordamos, portanto, os conceitos de geografia: espaço, lugar, território e identidade territorial em suas demarcações teóricas e metodológicas que consideramos as mais adequadas. E o texto literário como a possibilidade de junto com os conceitos geográficos e, no mesmo nível dos conteúdos da Geografia propiciar a construção do conhecimento pelos alunos, interpretando os fenômenos do mundo da vida, construindo explicações a partir de teóricos das duas áreas. Consideramos também, necessário, ter a referência aos pressupostos didáticos pedagógicos como o elo para desenvolver um ensino que promova a autonomia de pensamento e uma formação cidadã.

Como exemplo de articulação, trabalhamos com os conceitos da Geografia e a obra “O Continente I” de Erico Verissimo.¹ Como base de análise, sustentamos a reflexão a partir da crítica hermenêutica, Stein (1986), que permite interpretar para compreender os fenômenos que resultaram do diálogo entre o texto literário, os conceitos geográficos e as falas dos professores e dos alunos em uma perspectiva de interrogação e transformação.

¹ O exemplo trazido nesse texto é parte de um estudo realizado na tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências - Unijuí em 2017.

A hermenêutica nos remete a ideia de interpretar, desvelar mensagens o que nos remete a busca pela verdade, isto é, uma maneira de compreender o mundo por intermédio da interpretação, (HERMANN, 2002). Essa possibilidade se daria a partir da linguagem e ao considerá-la renuncia a verdade absoluta por entender que estamos imersos aos discursos e consequentemente à linguagem. Ligada a ela está a compreensão, pois não é possível compreender apenas com a estrutura lógica sem considerar a história, o contexto, pois o mundo prático é quem abre possibilidades de compreensão, não a compreensão simplista (ser/objeto), mas sim a compreensão da totalidade. E essa compreensão se daria por meio da interpretação que se efetua pela linguagem.

Para compreender melhor o campo teórico-metodológico crítico-hermenêutico recorremos a Stein (1986), que discorre sobre esta questão esclarecendo que é no confronto entre o crítico-dialético e o hermenêutico que se dá a reflexão. “Se a crítica se afirma basicamente na diferença e no contraste com aquilo sobre o que reflete, a hermenêutica visa primeiramente à mediação e a unificação com o mesmo. Ambas, porém, diferença e mediação, podem ser distinguidas no ato da reflexão” (STEIN, 1986, p. 31). Nesse sentido, pode-se dizer que métodos diferentes convergem, ainda que de modo divergentes, sobre o nosso tempo.

Desse modo, o texto recorre aos conceitos geográficos e a fragmentos da obra “O Continente I” de Erico Verissimo. Ainda, na intenção de analisar a realidade empírica, foram aplicados questionários com professores da educação básica de Literatura e Geografia e, proposta de atividade realizada por alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Trata-se de oito questionários respondidos por professores das disciplinas de Literatura e Geografia que atuam na escola básica, no Ensino Fundamental e Ensino Médio. No que diz respeito à proposta de atividade, estas foram realizadas com alunos do terceiro (3º) ano do Ensino Médio de duas escolas de educação básica de ensino. Tanto os questionários como a proposta de atividade visavam compreender as percepções dos alunos e professores sobre a relação entre Literatura e Geografia. Destas emergiram reflexões que nos permitiram estabelecer relações entre o texto literário e os conceitos geográficos, amos mesmo tempo que discutir temas sociais da realidade dos alunos.

A INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA

A prática educacional tem sido tema recorrente nas questões que envolvem a educação principalmente aquelas que estudam procedimentos metodológicos que contemplam estratégias que envolvem ações interdisciplinares. Diante disso, nosso interesse é pensar a educação escolar por meio de um processo didático-pedagógico interdisciplinar. Pois entendemos que a interdisciplinaridade pode ser uma alternativa nas práticas educativas se levarmos em consideração que a formação dos sujeitos é um processo de aprender a pensar o mundo e a educação é parte constitutiva desse caminhar, pois que nos tornamos humanos pela educação.

Diante disso, faz-se necessário buscar alternativas que favoreça o ensino na produção do conhecimento. A interdisciplinaridade é uma aliada nesse processo, que por meio da integração, interação e cooperação na prática pedagógica contribui na produção do conhecimento. O trabalho cooperativo entre as disciplinas reforça um compromisso maior que é o de formação do aluno, e minimiza a ênfase na individualização das disciplinas, já que o que se busca é o conhecimento e não a disputa entre as diferentes áreas do saber.

Estas propostas que levam em consideração um trabalho conjunto entre as disciplinas podem ser entendidas como um processo de mudanças, que visam estabelecer ações para melhor organizar e significar as atividades desenvolvidas pela escola, pois é necessário que o ambiente escolar seja um espaço de construções coletivas (PADILHA, 2003). Também se pode destacar que um trabalho, que considere a prática pedagógica em uma perspectiva

interdisciplinar faz parte de um trabalho que visa a transformação, a humanização, uma vez que faz uso do diálogo, da troca de saberes, elementos esses indispensáveis na formação de sujeitos autônomos, críticos, contribuindo assim na formação de cidadãos.

Neste sentido, há que se pensar na questão das humanidades no contexto da escola, e o entendimento de base que se pode ter é se existe uma diferença entre disciplinas de modo a agregar um grupo delas em uma terminologia de humanidades. Ensinar disciplinas das áreas duras desconsideram as humanidades?

Em todo caso, a Geografia está apresentada nos documentos oficiais das políticas públicas como parte das humanidades na chamada **Ciências humanas e sociais aplicadas**. Desse modo, dois pontos podem ser levantados diante dessa denominação e separação: - por que aplicadas?; - e os itinerários? Sobre o adjetivo “aplicadas” cabe pensar se os clássicos e a ideia do que essas disciplinas propõem em sua trajetória histórica de construção, na perspectiva de compreender o mundo não interessam. Interessa a sua aplicabilidade? Isso remete a grandes possibilidades de formatar os sujeitos numa perspectiva exclusiva de mundo do trabalho, a serviço do que interessa ao desenvolvimento.

O outro ponto diz respeito aos itinerários formativos, que segundo as exposições oficiais trata-se de um conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras que os estudantes poderão escolher no Ensino Médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma, duas ou mais área do conhecimento. E, aqui, se pode questionar a ideia de universalidade da formação e do papel da escola, pois a própria proposição de obrigatoriedade no Ensino Médio em centrar na matemática e português remete a preparar os alunos para os processos de avaliação, o que torna limitador o ensino. E se as demais disciplinas são opcionais, há que se ter clareza de como fazer a inserção destas no currículo escolar, sendo que a nossa concepção é a de que a escola deve oferecer e transmitir aos estudantes o conhecimento que foi produzido pela humanidade. Todos os sujeitos, todos os estudantes, têm direito a ter acesso ao conhecimento universal e com essas proposições há limitações que são produzidas socialmente pelos homens, ao fazer a produção dos currículos. E esses são historicamente situados e datados.

Mas, diante disso é preciso avançar. Com nossos entendimentos acerca de educação e de escola, numa perspectiva de formação humana e as proposições das políticas públicas é fundamental encontrar ou construir os caminhos. E, neste contexto é que nos debruçamos a pensar a interdisciplinaridade, naquela proposição do conceito que é cientificamente produzido e que diz o que é e o que é considerado fundamental para efetivação da sua realização. Abordar questões por meio da interdisciplinaridade exige conhecer a ciência que nos dá a sustentação para falar sobre ela e de qual é o seu papel como disciplina escolar.

Historicamente a fragmentação do conhecimento levou a uma acentuada especialização que torna autônoma cada ciência (e por vezes cria autonomias dentro dela própria), o que se expressa também em cada disciplina na escola, com especializações acentuadas. E, se na ciência isso pode ter reflexos, nos interessa pensar que na Geografia escolar isso também tem suas repercussões nos processos de ensino e de aprendizagem. Assim, nesse percurso, que interfere na produção do conhecimento por parte dos alunos é interessante encontrar os caminhos para superação, pois o mundo em si mesmo não é fragmentado, mas complexo. Nesse sentido, para conhecer e interpretar a realidade da vida no mundo comum exige-se coerência e consistência na argumentação, o que pode ser conseguido por meio de bases que sustentam teoricamente a análise e interpretação do que é vivido e trazido pela experiência do mundo empírico. Enfim, estudar o mundo requer conhecer a realidade que é vivida e estabelecer as bases que contextualizam essas verdades de modo a teorizar e construir conceitos.

Com as bases sólidas de cada disciplina fazer a interdisciplinaridade tem sido um desafio. Interligar Geografia e Literatura pode ser um dos caminhos e, por isso, o nosso interesse nessa proposição.

GEOGRAFIA E LITERATURA: OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS E O TEXTO LITERÁRIO

Consideramos que a autonomia de cada disciplina precisa ser mantida, pois ela dá as bases para fazer a interdisciplinaridade. Diante disso, torna-se relevante para a Interdisciplinaridade que cada disciplina mantenha sua especificidade. Todavia, sempre que houver a aproximação de fatos, de ideias e conteúdos entre duas ou mais disciplinas, o ensino interdisciplinar deve ocorrer, o que significa maior significado aos conteúdos estudados, resultando em aprendizagem. No caso da Geografia, é um enfoque do conhecimento e tem suas demarcações como método para leitura do mundo da vida. Tem uma história que se constitui na formulação de um pensamento geográfico que vem sendo formulado desde os primórdios da civilização. Essa produção histórica da Geografia sustenta as bases da atual forma de abordar na ciência e na escola a Geografia.

No caso da Literatura, o que se busca é priorizar a riqueza do texto literário, considerando, o imaginário, o ficcional, bem como sua literariedade, porém sem desconsiderar sua relação com o real. Além disso, a literatura permite abstração, mas ao mesmo tempo é fio condutor entre o sujeito e o conhecimento. Trabalhar Literatura juntamente com outras disciplinas não é torná-la uma facilitadora, isto é, apenas recurso didático. A perspectiva interdisciplinar abre uma possibilidade de diálogo entre ciências distintas, tendo como preocupação considerar, antes de tudo, os sujeitos/alunos, e a construção do conhecimento.

Desse modo, a relação entre os conceitos geográficos e o texto literário nos remete a uma em entendimento que considera compreender o mundo de maneira não fragmentada, e sim como parte de um todo, que se relaciona e que é plural. Essa maneira diferenciada de tratar o conhecimento vai ao encontro de uma formação que vise formar sujeitos críticos, que reflitam e que compreendam o mundo ao mesmo tempo em que estabeleçam relações com a realidade. Esta postura implica cidadania, mais precisamente na tarefa de formação cidadã a qual cabe à escola.

Contudo, chamamos a atenção para o fato de que quando falamos em cidadania temos que levar em consideração o contexto histórico brasileiro, em que ser cidadão é uma realidade muitas vezes distante da vida dos sujeitos. Além disso, sabemos que o tema da cidadania requer muitas reflexões e, embora reconheçamos que a formação cidadã é uma das funções da escola, temos que considerar que o Brasil é um país cuja cidadania é 'escassa', e que a maioria da população nem sequer têm consciência de que não é um cidadão. Mas isso, não implica que não a desejemos e desta forma, consideramos que a escola seja espaço e tempo para a formação de cidadãos.

OS CONCEITOS DA GEOGRAFIA

Para situar como são abordados os conceitos de Geografia, faz-se importante fazer uma explicitação de modo a situar quais os nossos entendimentos acerca de espaço, lugar, território e identidade territorial como possibilidade de formação cidadã. A escolha destes conceitos geográficos é aqui demarcada em sua origem para a nossa interpretação e escolhidos como aqueles que interessam para fazer a interligação com a Literatura levando em consideração o texto escolhido de Erico Verissimo. São, portanto, opções e por isso é interessante deixar claro qual o entendimento de cada um.

O conceito de espaço que nos interessa na Geografia muitas vezes é apresentado como espaço geográfico, que é entendido intelectualmente como uma construção social e histórica que permite fazer as tarefas de análise e interpretação para compreensão da realidade do mundo da vida considerando suas dimensões materiais, que efetivamente se expressam pelas edificações, sempre tendo presente os aspectos da natureza e da sociedade e as suas

representações. Reafirmando, segundo Santos (1988, p. 10), “O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.” Desse modo, de acordo com o nosso entendimento os espaços são construídos ao longo da construção da sociedade, pois as relações sociais são materializadas em edificações que podem ser observadas fisicamente e é, pois, nesta materialização que se torna possível interpretar a realidade. O olhar espacial supõe ver a realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço, pois que o

O espaço, sem dúvida, é testemunha e veículo dessa dinâmica. Nele são travados combates, estão cicatrizadas de lutas, erguem-se monumentos ao novo tempo e através de seus signos há a realização simbólica daquilo que comumente se concebe como “vida moderna”. Em síntese, no espaço estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e do caos, da disciplinarização e dos desregramentos. Seus múltiplos sentidos são vivenciados, a cada instante, nos mais diferentes lugares do planeta (HAESBAERT, 2013, p. 81).

Entendemos que o espaço tem as marcas da vida seja ela decorrente dos elementos da natureza, seja do mundo humano, pois a vida no mundo comum acontece no planeta terra e os espaços demarcam a nossa interferência em cada lugar específico. Intelectualmente organizamos os entendimentos tendo a multiescalaridade como pressuposto para interpretação do que nos mostra a visibilidade dos espaços. E, diante disso, para completar a ideia de espaço que adotamos, incorporamos a proposição de Harvey (2012) que considera o espaço como espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional, dimensões que nos são caras para estabelecer a análise do texto literário que aqui apresentamos. Para este autor, o espaço absoluto pode ser entendido como o espaço onde as coisas acontecem sendo, pois, considerado fixo, e também como um espaço de controle físico que define os direitos de propriedade do território. Espaço relativo incorpora a ideia de que o espaço não se separa do tempo. Desta forma, o espaço relativo está relacionado e depende da natureza do meio e tem a característica do movimento. O espaço relacional implica a maneira como nos relacionamos com o mundo, pois é maneira como se dão os processos no espaço-tempo. E no seu entendimento o autor defende (p. 17) que essas três dimensões não podem ser consideradas isoladamente, mas são entre si dialeticamente, uma vez que elas se entrecruzam. E em cada lugar, ou em cada fenômeno registrado que no espaço comporta.

Assim, este texto leva em conta o espaço considerado na condição de espaço fixo, de controle físico com suas fronteiras. Como espaço e tempo do movimento onde estão presentes a mobilidade, a circulação dos fluxos, a aceleração e compressão do espaço-tempo e o espaço das relações internas (relacional), em que espaço e tempo não se separaram e têm forte ligação com as sensações, desejos, e também com o ciberespaço. A dialeticidade entre espaço e tempo faz-se necessária pelo fato de ambos estabelecerem relações importantes diante da sociedade moderna.

O território é um conceito, que no caso da Geografia é muito presente como uma das categorias fundamentais para realizar a análise geográfica – aliás, mais que isso, é uma das grandes categorias conceituais da Geografia. Em geral, designa uma área da superfície terrestre que é delimitada por fronteiras, e que denota a existência de poder, pois diz de relações de poder que acontecem nos seus processos de construção, nas suas transformações e na sua apropriação. É considerado também, nessa acepção, como áreas do espaço que designam características de identidade de quem o habita. O território de um estado - nação diz da população que o ocupa e que designa como sua identidade territorial. Mas, existem muitas territorialidades se dermos atenção ao sentido do termo de modo mais complexo, como exemplo além de nos dizer do território brasileiro - que nos dá identidade como habitantes do Brasil, há o território de abrigo de determinados grupos que, no caso deste texto, refere-se aos gaúchos, habitantes antigos e tradicionais do Rio Grande do Sul. Mas também os espaços

ocupados por determinados grupos de minorias, que podem ser étnicas, de gênero, de prostitutas, e assim por diante, como de alguma facção, como o narcotráfico. Um aspecto comum a qualquer território apropriado é que ele sempre tem que considerar o seu contexto e nessa perspectiva as dimensões de local e de global, ou seja, da multiescalaridade.

De qualquer modo o território é um conceito importante para a análise e interpretação de qualquer realidade social que tem gerado os espaços construídos e apropriados. Na Geografia a partir de Milton Santos é importante considerar que “as grandes contradições do nosso tempo passam pelo uso do território. A arena da oposição entre o mercado – que singulariza – e a sociedade civil – que generaliza – é o território, em suas diversas dimensões e escalas” (SANTOS, 2005, p. 250). O autor ao referir-se sobre o espaço e o território dá ênfase a dois conceitos: “o território usado” e o “espaço banal”, considerados como novas possibilidades de compreender o mundo e construí-lo ou reconstruí-lo de forma mais igualitária para a humanidade. E propõe que o “território usado” seja compreendido na mediação entre a sociedade nacional/local e o mundo e ressalta a importância do território usado nas propostas para o futuro.

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro (SANTOS, 2005, p. 255).

O território usado representa o espaço humano habitado e, portanto, falar de globalização implica também falarmos de território. Pois, mesmo diante de processos competitivo de fluidez e mobilidade, são as ações humanas que representam o real e estas ações acontecem no território. O território usado representa uma possibilidade diante do futuro e o seu uso se dá na dinâmica com os lugares, por isso a importância do lugar diante dos processos perversos visto, pois, como resistência.

No que diz respeito ao espaço banal, Santos (2005) assegura que ele precisa, antes de mais nada, ser entendido em oposição à noção de rede, ultimamente muito discutida. Há um reconhecimento de que as redes ocupam um espaço diante da globalização. Mas, como afirma Santos, anterior às redes existe o espaço banal que nada mais é do que o espaço de todos sendo que as redes representam o espaço de alguns. Como já referido anteriormente, a globalização como processo atinge a todos, mas em suas particularidades são privilégios de poucos.

Há um conflito que se agrava entre um espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos, e um espaço global, habitado por um processo racionalizador e um conteúdo ideológico de origem distante e que chegam a cada lugar com os objetos e as normas estabelecidos para servi-los. Daí o interesse de retomar a noção de espaço banal, isto é, o território de todos, frequentemente contido nos limites do trabalho de todos; e de contrapor essa noção à noção de redes, isto é, o território daquelas formas e normas ao serviço de alguns (SANTOS, 2005, p. 259).

Ainda no que diz respeito ao território, para o geógrafo Haesbaert (2009), seu estudo se dá a partir de muitos olhares, de diferentes áreas, e da mesma forma que a desterritorialização é estudado a partir de diferentes perspectivas. A primeira seria a política em que o território é visto como um espaço através do qual se exerce um determinado poder. A segunda, considerada cultural ou simbólica-cultural, prioriza o simbólico e subjetivo, cujo território seria o produto da apropriação de um determinado grupo em relação ao espaço vivido. A terceira, econômica, vê o território como fonte de recursos no embate entre as classes sociais ou ainda na relação capital/trabalho. E a última, considerada naturalista, e ainda pouco

discutida, em que o território é visto com base nas relações entre sociedade e natureza, isto é, no comportamento do ser humano em seu ambiente físico.

Consideradas estas definições de território que vão além de ser simplesmente definições, interessa-nos os conceitos na medida em que podemos abordá-los na sua interligação com o texto literário. Assim, ao fazer a opção pelos conceitos aqui considerados para interligar com o texto literário, o lugar se constitui por excelência por permitir pensar a identidade e pertencimento, talvez na linha de espaço banal antes referido. A identidade é elemento importante que diz respeito à subjetividade do lugar, e mais propriamente às experiências vividas no cotidiano, bem como à identificação com este. Por outro lado, também é entendido como possibilidade de fazer frente aos grupos hegemônicos e, por estes caminhos saber pensar o mundo, pois que, “o lugar pode representar a resistência da sociedade civil, não importando sua dimensão” (SANTOS, 2005, p. 259-260). E na sequência este autor considera que, “o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2006, p. 218).

Contudo, mesmo que o lugar seja singular, não nos é possível negar o fato de que os lugares são atingidos pelos processos globais. No entanto, também são criadas hierarquias e seletividades de utilização. Desta forma, cada lugar se torna importante nesse processo devido as suas virtualidades naturais, sociais ou ainda que foram adquiridas pela coletividade. “Como a produção se mundializa, as possibilidades de cada lugar se afirmam e se diferenciam em nível mundial” (SANTOS, 1988, p. 11).

Nesse sentido, o conceito de lugar nos interessa para essa argumentação aqui feita na ligação com o texto literário, pois que para além da Geografia e da Literatura, cada um vive em um determinado lugar, que é um território apropriado no contexto do espaço. E nosso entendimento do conceito de lugar se pauta pela afirmação de Santos (1996, p.237) de que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.

O TEXTO LITERÁRIO

As questões que envolvem o texto literário nos remetem não somente à ficção, imaginário, mas sim à leitura, formação de leitores, à reflexão, a criticidade e ao mundo vivido. Ainda, se pensarmos no leitor, o texto literário implica subjetividade, construção de sentidos, reflexão sobre a realidade.

A importância desses elementos na significação do texto e no ensino se dá pelo fato de o texto literário considerar, em alguns casos, o mundo real e as relações nele estabelecidas. Pois, seus personagens, na maioria das vezes, vivem dramas semelhantes ao da vida cotidiana. Contudo, diferente do entendimento de alguns de que ele seria simplesmente uma fuga da realidade, acrescentamos que o texto literário não exclui as experiências e nos apresenta mundos possíveis onde a experiência do leitor e as do texto se cruzam possibilitando uma maior compreensão da realidade vivida.

No que tange à formação de leitores, condição necessária nesse processo interdisciplinar, temos clareza que temos um caminho longo para alcançarmos esse objetivo tendo em vista a vários fatores de cunho social, econômico histórico, político e cultural. No entanto, reconhecemos muitas iniciativas na busca incessante de formar leitores, pois acreditamos ser este um dos caminhos para formação de sujeitos atuantes, críticos, isto é, cidadãos. Pois a leitura e a Literatura fazem a diferença em uma formação que vise o olhar crítico, o diálogo, o respeito às diferenças e o entendimento de que o mundo não é fragmentado, mas uma grande teia que se relaciona e compreendê-lo requer um movimento que está para além de compreensão isolada.

Vale ressaltar que, ainda que frisemos o valor do texto literário na formação do sujeito, não temos a intenção de dar a ela um caráter exclusivista como sendo a única ou a mais importante na produção do conhecimento nem tão pouco ser um instrumento para aprofundar os estudos de determinada área do conhecimento. Mas salientar que, sendo autônoma, ela nos proporciona a liberdade de ver o mundo não somente pela convenção, e sim ampliando o olhar de mundo e do outro o que nos aproxima do humano. “Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores” (COMPAGNON, 2009, p. 64).

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 60).

Também não a colocamos como detentora de verdades absolutas, mas acreditamos na sua capacidade de possibilitar compreender o ser humano. Reconhece-se na Literatura uma mudança do eu interior e acreditamos que no século XXI, ainda sobre forte influência do mundo pós-moderno que impõe a rapidez e a superficialidade, ela prevalecerá como um elemento importante de humanização e, portanto, uma aliada como elo de significação e de produção do conhecimento.

LITERATURA E GEOGRAFIA: UMA ARTICULAÇÃO

Apresentar um exemplo de como fazer essa articulação exige pensar para além da caixinha fechada da disciplina e se abrir para a articulação por meio dos pressupostos da interdisciplinaridade. Partimos de que cada disciplina tem seu foco, seus conceitos, sua linguagem, quer dizer o fazer geográfico tem sua especificidade e só com a segurança a este respeito, o professor pode se aventurar na busca de fazer um estudo interdisciplinar. Este olhar inteiro complexo para o ser humano atende aquilo que é o papel da educação, ‘tornar humano os humanos’, e na escola isso pode acontecer se o professor tem clareza do que seja a sua disciplina, e de como fazer a articulação entre estes conteúdos com a dimensão pedagógica.

Para trabalhar com essa possibilidade de interdisciplinaridade trazemos exemplos que envolvem não todo o leque de disciplinas, mas centrando em duas que são a Geografia e a Literatura. Como exemplo possível dessa articulação trazemos o diálogo estabelecido entre o texto literário por meio da obra “O Continente I” de Erico Verissimo, dos conceitos geográficos já mencionados e das falas de professores e alunos da educação básica. Esse material faz parte de uma pesquisa maior que foi apresentada na defesa de tese de doutorado em Educação nas Ciências apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências - Unijuí. Desse modo, algumas discussões são trazidas nesse texto por irem ao encontro da temática interdisciplinar aqui abordada.

UM DIÁLOGO ENTRE O TEXTO LITERÁRIO, OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS E AS VOZES DOS PROFESSORES E ALUNOS

Na perspectiva de um ensino não fragmentado que considere o mundo da vida e pautado na troca de saberes trazemos uma possibilidade de estudo que considera a Literatura e a Geografia em uma perspectiva interdisciplinar. Desse modo, Entrecruzamos os conceitos geográficos, a literatura, por meio da obra “O Continente I” de Erico Verissimo, no diálogo com as falas dos(as) professores(as) e alunos(as) . O objetivo é o de por meio de fragmentos

da obra “O Continente I” de Erico Verissimo em diálogo com as muitas vozes, construir uma aprendizagem significativa para os alunos pautada na integração e na humanização do ser humano.

Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto o silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno na solidão [...] (p. 21).

O primeiro fragmento da obra está inserido no capítulo *O Sobrado I* e inicia com uma descrição da cidade de Santa Fé. O narrador compara-a com um cemitério abandonado dado ao silêncio e a ausência de pessoas nas ruas, uma vez que estavam em guerra. A narrativa se atém à descrição do sobrado onde se encontrava sitiada a família Terra-Cambará e a seguir vai intercalando o capítulo *O Sobrado* aos demais capítulos da obra. A história é narrada pela personagem Bibiana em estilo *flashback*.

Sim, aquela catedral lembrava-lhe a mãe. No verão seu ventre era fresco; mas como eram cálidas no inverno suas entranhas! E no dia em que os inimigos atacassem – e ao pensar nisso os olhos de Alonzo se voltaram de novo para o nascente – a catedral seria uma cidadela invencível [...] (p. 46).

Faz-se importante considerar que a catedral é símbolo importante na região das Missões e faz parte da paisagem missioneira. Tais elementos são importantes e constitutivos da identidade territorial, uma vez que remete o(a) aluno(a) à região das missões conhecida no Rio Grande do Sul, assim como às Ruínas de São Miguel, patrimônio histórico carregado de significados para o povo sul-rio-grandense. Destacar a região das missões como lugar carregado de significados históricos e culturais, implica no desafio de que esse movimento se dê na intenção de permitir aos(as) alunos(as), ao estudar o Rio Grande do Sul, construir significados e compreender a realidade do mundo e não incentivar o ufanismo que aliena e isola o sujeito.

Alonzo começou a atravessar a praça. Havia no ar um cheiro de névoa batida de sol, e a brisa que lhe chegava às narinas vinha carregada dum suave perfume de macela. Alonzo gostava da paisagem ao redor da redução. Não era trágica como a de certas regiões de Espanha, nem cruel como a dos trópicos. Era pura de linhas e cores – coxilhas verdes recobertas de macegas cor de palha e manchadas aqui e ali dum caponete; por cima de tudo, um céu azul onde não raro boiavam nuvens. Era simples e ingênua, dir-se-ia pintada em aquarela pela mão de uma criança. [...] (p. 53).

Novamente faz-se presente a referência à paisagem. A descrição mistura imagens e cheiros, recorrendo ao uso da metáfora ao referir-se a ela como “ingênua e simples”. Essa passagem nos remete ao que discorreu Brandão (2013) quando tratou da representação do espaço e afirmou ser ela uma categoria que faz parte do universo extratextual em que são atribuídas ao espaço características físicas. Nesse sentido, o espaço passa a ser visto como cenário, assim como lugar de pertencimento das personagens, como é possível percebermos na obra. Também nos aproxima de Queiroz (2009) que defende que em muitos casos os cenários são frutos da imaginação relacionados com a vivência do escritor e por isso carregam verossimilhança com determinados lugares da realidade, criando no leitor uma certa “ilusão de conhecimento”, como também uma forte identificação territorial. Desta forma, para Haesbaert (1999, p. 172):

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.

Depois daquela noite, a geada de cinco invernos branqueou os telhados da missão; e as pedras avermelhadas de sua catedral fulgiram ao sol de cinco verões mais ou menos tranquilos. Foram aqueles

os tempos de maior prosperidade dos Sete Povos. Conquanto no Continente do Rio Grande de São Pedro espanhóis e portugueses vivessem em contínuas lutas por questões de limites, houve paz nas reduções [...] (p. 62).

A referência temporal que é muito forte em toda obra, aparece marcada no fragmento acima, em que a contagem das estações do ano, neste caso o verão, era usada para precisar o tempo. Como dissemos anteriormente, espaço e tempo são indissociáveis. E, neste excerto, é possível trabalharmos ambos os conceitos em sala de aula, pois o tempo está relacionado ao espaço ficcional “Sete Povos” e consequentemente às relações humanas que acontecerem nesse espaço/tempo. No entendimento de Harvey (2012), compreenderíamos este fenômeno com o que autor chamou de espaço relacional em que não há distinção entre espaço e tempo e de que este está sendo construído ao nosso redor, o que implica na maneira como nos relacionamos com o mundo. Na intenção de discorrer um pouco mais sobre o tempo, trazemos as falas dos(as) professores(as), a fim de mostrar como o perceberam na narrativa. Pois, entendemos que trazer novos atores para discussão permite que ampliemos o pensamento e enriqueçamos o debate.

O tempo é marcado em diversos momentos do texto. Um dos símbolos da temporalidade é a mudança de estação do ano, ex: os muitos invernos que tinha atravessado (p. 175). Já para situar a história contada no tempo, ela pode ser percebida pelo contexto político do RS de disputas pelo território (Professor(a) B). Tempo histórico de guerra e de espera: “estariam de volta a Santa Fé dentro de três meses com os soldados que tinham sobrado da guerra” (Professor(a) F).

As marcas do tempo, em evidência na narrativa, também são apontadas pelos(as) professores(as), a partir do fragmento da obra *O Continente I*, que os orientou nas respostas do questionário. A referência às estações do ano é muito recorrente na obra como marca temporal. Outra referência ao tempo, diz respeito ao tempo que duravam as batalhas ou ainda a demora dos soldados para voltar delas, o que nos remetem a espera das mulheres, para quem o tempo passava lentamente.

O trabalho das estâncias como que nivelava o patrão ao peão e ao escravo. Muitas vezes o estancieiro saía a camparear ombro a ombro com aqueles numa faina igualizadora que oferecia certos perigos, pois criava o risco de negros e caboclos quererem gozar das mesmas prerrogativas que seus senhores. O pe. Lara sabia que todos os homens tinham sido criados à imagem e semelhança do senhor. Mas reconhecia também que, para maior facilidade e eficiência do trabalho dos sacerdotes de Deus na Terra, era necessário que houvesse ordem, um sentido de hierarquia, um escalonamento nítido da sociedade [...] (p. 265).

Essas discussões nos possibilitam refletir sobre a cidadania relacionada com a identidade territorial. Que se cidadania se quer? É possível desejar um lugar em que o sujeito seja livre e não dominado por um grupo de pessoas que detém o poder? Como o território está relacionado com o poder? Há lugar para todos (sem exclusões) no território? São questões que podem ser trabalhadas em sala de aula e que permitem ao(a) aluno(a) não somente a compreensão do que seja cidadania, mas também do que seja ser cidadão de fato. No entanto, como destacou Candido (2011, p. 183):

Sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto.

Desta forma, compreendemos que o texto literário muitas vezes está carregado de questões de cunho social político, religioso entre outros, o que nos possibilita uma imersão na realidade, todavia tais mensagens não devem ser desprendidas do elemento que as liga de

maneira a perder seu caráter provocador, que permite ao leitor estabelecer relações e pensar sobre elas.

No que se refere à questão sobre a obra *O Continente I*, representada pelo fragmento que receberam os(as) professores(as), permitir discutir a possibilidade da identidade territorial como elemento importante na formação do(a) aluno(a), o(a) professor(a) C e D destacaram que:

Acredito que o texto literário permite a possibilidade da identidade territorial ser elemento importante na formação do aluno, uma vez que as informações contidas no texto contribuem para a compreensão e o entendimento dos motivos do desenrolar da narrativa, observando os elementos referentes ao tempo, espaço e costumes históricos e culturais, extrapolando os conceitos do texto em questão, para outros contextos de aprendizagem interligados a diferentes ciências do conhecimento (Professor(a) A).

Sim, no sentido de compreender que são modos de abordar a espacialidade. Território envolve relações de força e, identidade no singular, pode incorrer em noções excludentes. Por isso, é importante atentar ao tratamento da identidade enquanto possibilidade plural de pertencimento ao território, este, compreendido enquanto mundo/totalidade, com vistas a uma formação escolar emancipadora (Professor(a) D).

Ambos os(as) professores(as) concordam que a identidade territorial pode ser um elemento importante na formação do(a) aluno(a), uma vez possibilita a compreensão da narrativa, assim como a partir de elementos territoriais (espaço, território, lugar) abre-se a possibilidade de outras discussões que estão para além de questões territoriais, mas também sociais e isso implica na formação cidadã do(a) aluno(a). Contudo, o(a) professor(a) (D) chamou a atenção para o cuidado que se deve ter na abordagem da identidade territorial, vez que o território está relacionado com relações de poder. Por isso, faz-se necessário abordá-la de forma plural, sob o risco de torná-la excludente, o que iria contra o objetivo de formação cidadã, pois, se desconsideramos a pluralidade de identidades desconsideramos também o respeito às diferenças, bem como a riqueza territorial e cultural que a pluralidade permite.

Nenhuma resposta. Só o gemido do vento, o frio e a escuridão. Sob as cobertas d. Bibiana cruza os braços e aperta-os contra o peito. Se ao menos lhe trouxessem um braseiro para botar debaixo da cama... ou lhe dessem um chimarrão bem quente... Encolhida de frio e de medo, ela começa a rezar automaticamente. No meio da oração perde-se, esquece as palavras, mas aos poucos se vai lembrando das outras coisas. O Sobrado cercado... a revolução... o parto de Alice... Teria nascido a criança? Menino ou menina? Onde estão todos? Por que não vem me contar nada? Nunca ninguém me conta nada. Valéria! Curgo! Rodrigo! Toríbio! Nada. Ninguém. Só o silêncio do casarão, o vento nas vidraças e o tempo passando... [...] (p. 100).

Nesse excerto, poderíamos citar dois elementos presentes na cultura gaúcha, o braseiro, usado antigamente para aquecer no inverno e o chimarrão. Esses elementos também foram referidos pelos(as) alunos(as) quando realizada atividade que envolvia o texto literário e os conceitos geográficos. Perguntados sobre se era possível identificar elementos culturais na obra e se era possível relacionar esses elementos com sua identidade (lugar em que vive, costumes e tradições) surgiram as seguintes respostas:

Os elementos culturais no texto têm a ver com as tradições gaúchas como, cantigas, prosas, ranchos, etc. É possível identificá-los através das citações no texto. Sim, o texto cita as cantigas gauchescas e a tradição de tomar chimarrão e isto faz parte da minha cultura desde a infância (Aluno(a) A).

Um dos elementos que me chamou a atenção foi o chimarrão que naquele tempo já era uma tradição, assim como a música (Aluno(a) G).

No texto tem muitos contos que ainda existem em nosso cotidiano como as cidades faladas no texto, além do gaúcho usar vestimenta, carregar armas típicas da guerra que aconteceram para a posse das terras (Aluno(a) D).

Emergiram das respostas dos(as) alunos(as) a referência aos elementos culturais presente no fragmento e que, segundo eles, podem ser relacionados com os costumes atuais.

O chimarrão foi mencionado com maior recorrência, assim como a vestimenta, as cantigas e os ranchos, comuns na época, e que nos remetem à cultura gaúcha. Tratam-se, pois, de elementos culturais e territoriais que permitem, na maioria das vezes, que o(a) aluno(a) reconheça traços de sua identidade. Desta forma, é possível inferirmos que a desterritorialização estaria mais voltada para um mito (HAESBAERT, 2009) do que para uma constatação. E ainda poderíamos destacar, a partir das repostas dos(as) alunos(as), que o pessoal se sobrepõe ao impessoal, e o local influencia significativamente para manter tais características.

Entretanto, embora o “conhecimento local” possa não ser da mesma ordem que outrora, o peneiramento do conhecimento e da habilidade da vida cotidiana não é um processo de mão-única. Tampouco são os indivíduos em contextos modernos menos conhecedores de seus meios locais que seus congêneres nas culturas pré-modernas (GIDDENS, 1991, p. 129).

Ana Terra descia a coxilha no alto da qual ficava o racho da estância, e dirigia-se para sanga, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja, e pensando no que a mãe sempre lhe dizia: “Quem carrega peso na cabeça fica papuda”. Ela não queria ficar papuda. Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a Capitania de São Paulo, onde nascera. Ali na estância a vida era triste e dura. Moravam num rancho de paredes de taquaruçu e barro, coberto de palha e com chão de terra batida. Em certas noites Ana ficava acordada debaixo das cobertas, escutando o vento, eterno viajante que passava pela estância gemendo ou assobiando, mas nunca apeava do seu cavalo; o mais que podia fazer era gritar um “Ó de casa!” e continuar seu caminho campo em fora [...] (p. 102).

Nessa passagem temos elementos que caracterizam a região sul tais como: coxilha², estância, rancho, cavalo. Todos fazem parte da cultura gaúcha e nos permitem identificá-los, por estarem presentes na nossa região. Quando destacamos tais elementos o fazemos na intenção de mostrar que é possível, em um estudo da obra literária em sala de aula, permitir que o(a) aluno(a) reconheça traços de sua cultura e do território. Todavia, destacamos que isso não implica que a consideramos melhor que outras culturas, mas entendemos que na medida em que o(a) aluno(a) se identifica com o texto, com aproximações culturais e territoriais sente-se instigado à leitura e interpretação, o que permite que se torne um leitor de Literatura. Influenciando assim também sua formação cidadã. Isso nos remete à função da escola que é a de possibilitar a formação cidadã.

Naturalmente, neste contexto, a escola detém um papel de suma importância para a formação cidadã, vez que cabe a ela incutir nos educandos noções sobre direitos e deveres, ordem estatal e civil, assim como sobre as leis civis e estatais sob as quais está organizada a sociedade. É nela também que o cidadão inicia a exercitar a tolerância quanto à diversidade, passa a desenvolver sua virtude cívica e a temperar o fundamentalismo e o egoísmo (CALLAI; ZENI, 2011, p. 71).

Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um relinchar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entranhas. Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer, mas não conseguiu. O homem resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiu nas faces, procurando ao mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos. [...] (p. 157).

Essa passagem refere-se ao estupro sofrido pela personagem Ana Terra. Esse relato mexe muito com as emoções do leitor, pois se trata da violação, em um mesmo ato, de

²De acordo com Suertegaray e Rossato (2014) coxilha “do espanhol *cuchillo* (lâmina, faca) é a denominação dada pelos gaúchos às feições em forma de colina” (p. 104).

direitos caros ao ser humano: a vida, a liberdade, a autonomia, direitos civis indispensáveis ao indivíduo. De acordo com Marshall (1967), os direitos civis são considerados básicos e constituem a cidadania do sujeito.

A cidadania exige um elo de natureza diferente, um sentimento direto de participação numa comunidade baseado numa lealdade a uma civilização que é um patrimônio comum. Compreende a lealdade de homens livres, imbuídos de direitos e protegidos por uma lei comum. Seu desenvolvimento é estimulado tanto pela luta para adquirir tais direitos quanto pelo gozo dos mesmos, uma vez adquiridos (MARSHALL, 1967, p. 84).

O fragmento, além de nos remeter à cidadania, também nos possibilita discutir sobre os direitos das mulheres. No entendimento de Colling (2014, p. 12), “A história das mulheres é uma história recente. Elas não poderiam escrever suas experiências se estivessem englobadas em um sujeito único universal, masculino. Tradicionalmente a mulher tem sido ignorada, excluída como objeto histórico”. Ana Terra representa na obra essa exclusão da mulher, em que muito mais que ignoradas elas eram também desrespeitadas pela sociedade que as colocava em uma condição de inferioridade. A personagem rompe com alguns desses preconceitos, porém isso não implica que sejam reconhecidos e extintos, trata-se muito mais de uma consciência de sua situação e do desejo de transcendê-los do que conquistas de gênero, conforme podemos perceber no enunciado do(a) professor(a) B - “A própria questão de gênero tão forte e marcada pela personagem Ana Terra, tão destemida, mas que “tinha os olhos postos no chão” (p. 178), intimidada pela figura forte do estancieiro, que personifica o homem conservador (e machista) da época”.

Os questionamentos que o fragmento possibilita mostra a riqueza do texto literário que, a partir da ficção, permite discussões de temas atuais e importantes de serem trabalhados em sala de aula, uma vez que refletem no ensino que queremos, isto é, uma escola que forme sujeitos críticos, que reflitam sobre temas sociais. Indo mais além, ainda nesse fragmento, podemos fazer uma relação como o momento atual em que a violência contra a mulher tem sido cada dia mais frequente. Essa violência, que também pode ser considerada de gênero, se dá por meio da dominação masculina que em uma sociedade patriarcal lhe dá o direito de dominar e controlar suas mulheres, podendo para isso usar a violência. Tal abordagem vai ao encontro da provocação levantada pelo texto literário, pois se trata de uma questão social, que interfere diretamente no dia a dia, ou seja, no mundo, no lugar em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta reflexão teve como tema central o texto literário e os conceitos geográficos em uma perspectiva interdisciplinar. Para isso, estabelecemos um diálogo entre a Geografia e a Literatura, a fim de contribuir para um ensino que trabalhe os conteúdos de forma articulada e contextualizada.

Cabe destacar, que a intenção de trabalhar com a Literatura não se deu como sendo esta apenas um instrumento para estudar os conteúdos disciplinares. Pois nossa compreensão é de que a interdisciplinaridade se assenta no fato de que cada componente curricular deve estar fortemente sustentado nas suas premissas, isto é, na especificidade de cada disciplina. Desse modo, cada disciplina trabalha o seu saber, mas relacionada ao demais, o que permite que o aluno construa seu conhecimento de forma não fragmentada. Nesse sentido, abordar os conceitos da Geografia tendo o olhar na Literatura traz para a Geografia a possibilidade de ligar os conteúdos propostos ao campo do sentimento, do emocional, oportunizando ao aluno pensar para ampliar as suas informações de modo a tornar significativos os conhecimentos produzidos. Já para Literatura é possível ir além do texto, pois as relações estabelecidas são com o mundo da vida, o que implica na ampliação do olhar e na construção de conhecimentos.

Assim, Literatura e Geografia se entrelaçam para refletir sobre traços que as aproximam de maneira a considerar as relações entre as personagens e o espaço vivido marcado pelo subjetivo, mas também pela verossimilhança com a realidade. Construindo assim, um olhar interdisciplinar na tentativa de fazer ciência em que prevaleça o rigor científico, mas também as relações e interações estabelecidas entre os seres humanos e o meio, de modo a valorizar o mundo da vida. Também é possível inferir que os conceitos geográficos e o texto literário trabalhados em uma perspectiva de integração e pluralidade permitem ao aluno desenvolver o pensamento crítico diante de temas sociais implicando na formação e exercício de sua cidadania. Compreende-se, assim, que o desafio consiste em pensar possibilidades para que o aluno compreenda a sua realidade e torne-se um sujeito autônomo e crítico diante do mundo.

REFERÊNCIAS

332

BRANDÃO, L. A. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CALLAI, H. C.; ZENI, B. S. Importância do lugar: construindo cidadania na fábula perversa do globalitarismo de Milton Santos. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, 2011.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**. Mato Grosso do Sul.: Ufgd, 2014.

CMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HARVEY, D. La geografía como oportunidad política de resistencia y construcción de alternativas. **Revista de Geografía Espacios**, v. 2, n. 4, p. 9-26, 2012.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARSHALL, T. M. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PADILHA, Paulo Roberto. Projeto político-pedagógico, **Revista Pátio**, Ano VII Nº 25 - - Fevereiro 2003 - Abril 2003. Disponível em: http://www.paulofreire.org/Biblioteca/t_pad3.html. Acesso em 14 mar. 2018.

QUEIROZ, A. I. **A paisagem de terras do Demo**. Lisboa: Esfera do Caos, 2009. (Coleção Gulbenkian Ambiente).

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2006.

_____. O retorno do território. In: **OSAL – Observatório Social de América Latina**, ano 6, n. 16, jun. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em: 06/01/2016.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. As cidadanias mutiladas. In: **O preconceito** (vários autores). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

333

STEIN, E. **Crítica da ideologia e racionalidade**. Porto Alegre: Movimento, 1986.

SUERTEGARAY, D. M. A.; ROSSATO, M. S. Feições do Sul do Brasil. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; ROSSATO, M. S. (org.). **Brasil feições ilustradas**. Porto Alegre: Imprensa Livre e Compasso, 2014.

VERISSIMO, E. **O Tempo e o Vento**: O Continente I. São Paulo: Globo, 2005.